

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

28 de janeiro de 2026

O HOMEM DO CINEMA / 2025

Um filme de José Vieira

Realização: José Vieira / Imagem: Miguel Arieira / Som: Daniel Deira / Montagem: José Vieira / Miguel Arieira / Música: Rui Kafka Tavares / Produção: Rui Ramos / Fora de Campo Filmes Crl / Direção de Produção: Daniel Deira / Cópia: DCP, 51 minutos

Então, porquê um museu de cinema em Melgaço? Quem teve a ousada ideia de enraizar um museu destes num ambiente rural, onde ninguém o esperava? É a este questionamento que este filme tentará dar uma resposta. A história começa em Paris e seus subúrbios, quando emigrantes portugueses eram acolhidos em locais abertos e alojados em bairros de lata. É um homem de cinema (Jean-Loup Passek) que faz amizade em Paris com emigrantes, que está na origem deste projeto. Vindo visitar os amigos a Portugal, o homem do cinema apaixonou-se pela região, comprou ali uma casa e fez de Portugal o seu país de adoção. Anos depois, decidiu doar ao município todo o seu grande acervo de equipamentos pré-cinema, milhares de livros, cartazes e fotos de cinemas de todo o mundo para que aqui fosse construído um museu do cinema.

DIÁRIO DE LÁ / 2025

um filme de Fernando Oikawa Garcia,
Lucas Coca Matias e João Pedro Filippini

Realização: Fernando Oikawa Garcia / Direção de Fotografia: Lucas Coca Matias / Direção de Som: João Pedro Filippini / Edição de Som: Marcos Kenji / Montagem: Fernando Oikawa Garcia, Lucas Coca Matias e João Pedro Filippini / Voz: Bárbara Consales / Produção: AO NORTE / Cópia: DCP, 20 minutos

Em Melgaço, uma torre de energia talvez seja construída, talvez não. No horizonte, as eólicas do Alto Minho. Uma paisagem vasta onde tudo e nada muda, segundo os olhos e as memórias dos melgacenses. Registrando essas histórias num cine-diário fragmentado de encontros efémeros, três brasileiros seguem com uma câmara as linhas literais e imaginárias que os conduzem através dos habitantes e das freguesias de Melgaço, da terra ao céu.

OS PÁSSAROS MUDAM DE COR / 2025

um filme de Beatriz Moreira, Rui Oliveira e Marta Oliveira

Realização: Beatriz Moreira / Direção de Fotografia: Rui Oliveira / Direção de Som: Marta Oliveira / Montagem: Rui Oliveira / Produção: AO NORTE / Cópia: DCP, 13 minutos

As vozes que surgem da sombra das palavras raspam a pele líquida da memória. Fragmentos de tradição em sopros de silêncio. Corpos vivos que caminham ao longo do tempo. Imaginar apenas. Fluidez lenta, criação que se transforma entre gestos e ausências. As mudanças não gritam—sussurram. Agora o horizonte moldado pela eternidade e pela terra escorre devagar. Transforma-se. Persiste.

DIÁRIO DE LÁ e OS PÁSSAROS MUDAM DE COR são filmes produzidos no âmbito da residência cinematográfica PLANO FRONTAL.

No PLANO FRONTAL a identidade é uma celebração. Não vive das regras das ciências exactas, nem da adivinhação, antes explora os interstícios singulares do território. O olhar mergulha, procura nos espaços habitados, na vida da natureza e nas formas de resistência a força da invisibilidade.

Puramente instintivo, o projecto procura analisar o particular, sem perder o contexto, nem a abertura a novas formas de produção. Pensar analiticamente é desenhar estratégias para a concretização de ideias. É como dançar fora do figurino, ou ter os dedos a mexerem-se no piano mais rapidamente do que a própria música.

Porém, o que sugere a palavra "residência"? O fascínio do desconhecido no edifício da descoberta do processo, quando as peças ainda nem sequer encaixam, e se incute a aptidão para conhecer pessoas e o futuro que anseiam.

Enlaçam-se memórias, investiga-se e constrói-se. Tenta-se desvendar, a partir do potencial humano de cada participante, o apoderamento do processo. O Plano Frontal parte da premissa que é preciso relançar a escuta sobre os conceitos de fronteira, identidade e memória.

É a partir da teatralidade de cada um que se compõe a narrativa da residência de cinema e fotografia. Um colectivo que se desconhece mas compõe as vivências de uma mesma história.

Espaço de pesquisa, lugar de resiliência, com recursos culturais que expressam a compreensão do mundo. Incentivo à existência, às interações, complexas e dinâmicas. Plano Frontal procura novidades no descobrimento, para novos começos. É um espaço para novos começos.

Pedro Senna Nunes